



TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A teoria de Gustavo Gutiérrez, sacerdote que polemizou ao propor a prática cristã a partir da perspectiva da "evangélica opção preferencial pelos pobres", é reescrita na Igreja do papa Francisco. O intelectual morreu na última terça-feira, aos 96 anos

O legado do padre defensor dos pobres

» EDLA LULA

O ano era 1984. Dia e mês, não se sabe ao certo, pois as reuniões eram diárias. Na sala privativa do Vaticano, o então cardeal Joseph Ratzinger, mais tarde, papa Bento XVI, convencia o papa João Paulo II de que o comunismo estava se infiltrando na América Latina por meio de padres que pregavam uma tal Teologia da Libertação. Ele se referia aos frades brasileiros e irmãos biológicos Leonardo e Clodovis Boff e, especialmente, ao peruano Gustavo Gutiérrez Merino, morto na última terça-feira, aos 96 anos.

O polonês Karol Wojtyła, hoje São João Paulo II, viveu, na juventude, aquilo que, para ele, eram os horrores do comunismo. Seu pontificado, nos anos 1980, teve influência decisiva na queda do regime em seu país — a primeira do leste europeu —, ao apoiar o líder Lech Walleska no fortalecimento do sindicato Solidariedade. De pronto, questionou-se de que era preciso silenciar os padres para não deixar o regime se alastrar pela América do Sul. Delegou a tarefa ao próprio Ratzinger, que era prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Ele foi mais duro com Boff, o Leonardo, que havia escrito, em 1981, o livro *Igreja, carisma e poder*, questionando a estrutura hierárquica da Igreja e propondo uma eclesialidade a partir dos pobres, como fez Jesus Cristo. Boff foi condenado ao Silêncio Obsequioso, que o proibia de falar em público e de dar entrevistas.

"Um dado curioso é que nos mesmos dias em que eu fui julgado no Vaticano, o cardeal Ratzinger realizou uma reunião, em Roma, com todo o episcopado do Peru, assessorado pelos teólogos da ex-inquisição, para julgar o Gutiérrez", recorda Boff, em entrevista ao *Correio*. "Gutiérrez estava lá. Eu encontrei com ele. Nunca o tinha visto tão abatido, com o rosto tão desfigurado, pela injustiça que fizeram contra ele. Tentaram condenar, mas acabaram não indo diretamente contra ele, mas contra os textos dele. Eles foram diretamente contra mim apenas. Não foram diretamente contra Gutiérrez, mas ele foi obrigado a fazer modificações em alguns textos", conta o teólogo, explicando que o amigo peruano teve que reformular sua teoria para não ser silenciado, retirando expressões que remetesse a uma interpretação marxista de suas publicações.

Segundo Boff, o termo Teologia da Libertação foi usado pela primeira vez no fim de 1965, em

Vaticannews



Desde que assumiu o papado, em 2013, o argentino tem conduzido sua liderança, a partir da Teologia da Libertação do peruano Gutiérrez

Vera Lucia Damaceno



Moisés Libertador é uma das centenas de Comunidades Eclesiais de Base do Brasil que põem em prática a Teologia da Libertação

uma palestra do padre Gutiérrez em Petrópolis (RJ). Ele veio trazer para a Igreja do Brasil um resumo das orientações do Concílio Vaticano II, conduzido pelos papas João XXIII e Paulo VI, cuja prerrogativa era, justamente, a de uma Igreja descentralizada, menos hierárquica e voltada para a "opção preferencial pelos pobres".

Ao definir a teoria, Betto diz que a proposta é "reler os evangelhos a partir da realidade das pessoas, especialmente de um povo colonizado e oprimido". O teólogo e escritor, que também conversou com o *Correio*, está publicando uma tetralogia que aprofunda essa abordagem. Já foram publicados os livros *Jesus militante*, sobre o evangelho de Marcos; e *Jesus rebelde*, sobre o

evangelho de Mateus. Está previsto para o início de 2025 *Jesus revolucionário*, sobre o evangelho de Lucas; e, no mesmo ano, *Jesus amoroso*, sobre o evangelho de João.

Tudo interligado

Conta Boff que Dom Helder Câmara, arcebispo de Recife já falecido, também conhecido pela

defesa dos mais pobres, costumava dizer que o primeiro teólogo da libertação foi São Francisco de Assis, santo protetor da ecologia, que abraçou a pobreza. Isso, explica, diz ele, o fato de o atual papa ter escolhido o nome de Francisco para marcar o seu pontificado. Desde que assumiu, em 2013, o argentino tem conduzido sua liderança, a partir da Teologia

da Libertação, o que pode ser visto nos documentos que assina e na prática. Criou, por exemplo, um dicastério para tratar da pobreza e, frequentemente, reúne-se com moradores de rua.

O papa Francisco compartilhou um vídeo em que comentou a morte de Gutiérrez. "Gustavo, um grande. Um homem da igreja. Que soube estar calado, quando teve que estar calado. Soube sofrer, quando teve que sofrer. Soube levar adiante tanto fruto apostólico, tanta teologia rica", disse o pontífice.

Com a assessoria de Boff, o papa atualizou a Teologia da Libertação, colocando junto com os pobres a preocupação com o meio ambiente, o que está definido no documento *Laudato Si — o cuidado com a casa comum*, em que o papa chama a atenção para a importância de governos e sociedades combaterem a pobreza e os desastres ambientais na perspectiva de uma "ecologia integral", em que "tudo está interligado".

"Graças à Teologia da Libertação, temos atualmente o papa Francisco com a sua corajosa postura de defensor dos oprimidos e da preservação ambiental", comenta Frei Betto. "Ela se aplica no mundo de hoje nos documentos e nos pronunciamentos do papa e nas atividades das pastorais progressistas, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Igreja viva

No Brasil, as CEBs são a tradução prática da Teologia da Libertação. Nelas, as tradicionais missas e outros rituais da tradição católica são feitos a partir de discussões políticas, contextualizadas na realidade do país e da região dos fiéis. "Trata-se de uma igreja pautada no compromisso social, na ministerialidade e na sinodalidade. Os leigos, de modo especial, as mulheres, assumem o seu papel como protagonistas em diversos serviços", define Liz Mari da Silva Marques, membro da articulação nacional das CEBs.

Ela representa a Comunidade Moisés Libertador, da Arquidiocese de São Paulo. "Aqui, vivemos na teimosia do Reino, na prática da Sinodalidade, da Justiça, da Paz e na Defesa da Casa Comum", descreve. "Em Jesus de Nazaré fazemos a memória daqueles e daquelas que lutaram pelas grandes causas da humanidade e deram a sua vida. Deram o seu sangue pela fidelidade ao Evangelho e pelo compromisso com os empobrecidos", completa.

>> DE UNO www.correio braziliense.com.br

PM: troca em 11 batalhões após caos no RJ

A Polícia Militar do Rio de Janeiro anunciou, ontem, a mudança no comando de 11 batalhões. As trocas vêm depois de uma semana de caos na Segurança Pública do RJ — a briga de torcedores do Peñarol no Recreio dos Bandeirantes e a operação policial no Complexo de Israel, que interditou a Avenida Brasil e resultou em três inocentes mortos e outros dois baleados. Um suspeito também foi baleado e hospitalizado sob custódia. A corporação informou, em nota, que as mudanças visam "aprimorar o policiamento e melhorar o índice de criminalidade no estado, incluindo a prevenção de roubos e furtos".

Caso Marielle: julgamento nesta quarta

Após mais de seis anos do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, os ex-policiais militares (PMs) acusados do crime, Ronnie Lessa e Elcio Queiroz, irão a júri popular na próxima quarta-feira. A data foi definida pelo juiz Gustavo Kalil, titular do 4º Tribunal do Júri, que presidirá o julgamento. Ele solicitou que compareçam em plenário apenas as pessoas que efetivamente participaram do júri, para evitar aglomeração e tumulto. Defesa e acusação terão prazo de 10 dias para as provas orais finais. Marielle Franco, vereadora pelo PSol, foi assassinada no bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, na noite de 14 de março de 2018.

MS: caso de venda de sentenças vai ao STF

A investigação que apura suspeita de corrupção e venda de sentenças por desembargadores do Mato Grosso do Sul foi enviada ao Supremo Tribunal Federal (STF) por decisão do ministro Francisco Falcão, do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Com isso, os casos passam a ser conduzidos pelo ministro Cristiano Zanin, relator da investigação que apura um esquema de lavagem de dinheiro, extorsão, falsificação e organização criminosa. Os cinco desembargadores do Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul (TJ-MS) foram afastados dos cargos, por 180 dias, alvos da Operação Última Ratio.